

**cantigas de amor
e guerra**

Kalina Paiva

**cantigas de amor
e guerra**

Trainy

© Copyright 2022 de Kalina Paiva

Edição
Cleudivan Jânio
Simone Andrade

Projeto gráfico e diagramação
Tullio Andrade

Capa
Artes: Rebelião, de Luo Li Rong / War, de Meysam Azarneshin
Finalização: Tullio Andrade

Revisão
Hilanete Porpino

Ilustração
Mauro Mondin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P168c

Paiva, Kalina
Cantigas de amor e guerra / Kalina Paiva. - 1. ed. - Natal [RN] : Trairy,
2023. 58 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-86509-30-4

1. Poesia brasileira. I. Título.

23-82511 CDD: 869.1
CDU: 82-1(81)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

12/02/2023 15/02/2023

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por quaisquer meios, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravações ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia permissão, por escrito, da editora ou da autora.

Composto e impresso no Brasil - Printed in Brazil

Trairy

EDITORA CJA LTDA - CNPJ 13.685.301/0001-48
Rua Justino Xavier de Souza, 2274 - Nossa Senhora de Nazaré - 59062-340 Natal/RN
cjaedicoes@gmail.com / www.editoracja.com.br/ Fone/WhatsApp: 84 99953-5466

*"Tudo o que você ama
provavelmente se perderá,
mas eventualmente o
amor retornará de outra
maneira."*

(Franz Kafka)

Sumário

Prefácio [09]

despertador [12]
reflorestar [13]
iniciação [14]
ex-combatente [16]
crônica de origem [17]
incenso [18]
conselhos [19]
missivas [20]
rebelião [21]
pintura [23]
beco da lama [25]
noturno [27]
garganta do tempo [29]
lembrete [30]
make love, not war [31]
na rua, um soldado [32]
mensagem [33]
fahrenheit [34]
afresco [35]
manhãs [36]
em carne viva [37]
tradição [38]
azul [39]
sinal dos tempos [40]
travessia [42]

lembrança [43]
trégua [44]
ruínas [45]
peculiar [46]
manual de sobrevivência [47]
dentro [48]
fluxo [50]
à beira do riacho [52]
espólio [53]
camadas [54]
dia dos mortos [55]
destino [56]
penélope [57]
ariel [58]

Prefácio

O mundo precisa respirar poesia. E respirar poesia é a melhor forma de enxergar o mundo com sensibilidade e bom senso, lutando contra as mazelas e celebrando o mel da vida. Vê-se de pronto, neste livro de Kalina Paiva, que a poesia está viva e disponível para ser respirada com prazer. O tom do livro é próprio do milagre lírico, destacando a consciência antiguerra, seja ela qual for, e alumando o humano, o amor, os sentimentos mais caros.

Só faz poesia quem acredita em milagres do coração. Aqui, estamos diante de uma celebração. É o rito da majestade da vida, do ofertório dos corpos e das almas. E como é bom viver! E como é bom ler, sentir e escrever poesia! É assim que a autora de “Cantiga de Amor e Guerra” acende os seus versos. Uma a uma, velas poéticas clareiam a nave do seu protesto, das suas crenças, das suas sensações. Confira um dos 37 poemas deste livro, “Destino”, no qual a poeta fortemente diz:

Tudo está no talhe,
fio de corte
no flanco das palavras.

Alma de poeta
é coisa anavahada
quando o corpo ciente
bebe inteira a madrugada.

Vê-se que a unidade temática do livro vem passada por um delicado fio de referências à flor da pele, de consciência social acarinhada no mais recôndito da alma, no amor supremo, na exaustão dos sentidos. Tudo ensombrado pela placidez e o talento de verdadeiros poetas. Creio que, mais do que palavras, a cantiga dos versos de Kalina Paiva é das sensações, pois, em cada um dos poemas – como em Mário de Andrade –, elas renascem de “si mesmas sem repouso”. Tanto que o eu lírico converte sua criação num verdadeiro feixe de emoções.

A autora parece compreender a poesia como fruto do sentimento e da razão. E, sob esse aspecto, se conecta profundamente, umbilicalmente ligado a ela, pois, só assim, a emoção e a verdade transbordam na folha de papel.

Devo confessar meu entusiasmo, minha identificação irrestrita com esta obra poética, interessante caso de lucidez infalível. A autora me foi apresentada por minha filha Karenina, que reconhece nela não só sua excelente qualidade poética, mas também uma pessoa do bem de quem precisamos estar próximos. Então que fique perto de nós a sua poesia e a sua presença afetiva.

Há nos seus poemas uma percepção de certas forças naturais, sua torrente de vida e uma visão do

amor e seus caprichos exercidos no nosso destino. Eles ajudam a considerar a vida e o mundo de um outro modo, aberto, denso, verdadeiro, e capaz de conciliar o esplendor e a abominação. Um belo livro.

Diógenes da Cunha Lima

Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras

despertador

Voe,
voe até que suas asas peguem fogo!

Amanhã, mirando novamente o sol,
voe alto de novo.

A queda é só um pouso,
ou rasante para impulso novo.

E faça isso em cada manhã que nascer,
em cada dia que colher,
em cada verso que escrever.

O amor tem seus tempos.

reflorestar

Livremos a cidade cinza
plantando livros
de todas as cores,
em todos os canteiros,
até que as esquinas sejam lidas
por trás das suas pálpebras
acanhadas pelas armas.

iniciação

No punho fechado,
meu coração,
desde o dia em que nasci
entesourando palavras.

Fui concebida
no mundo desabitado de um coração
que lutava no peito sozinho.

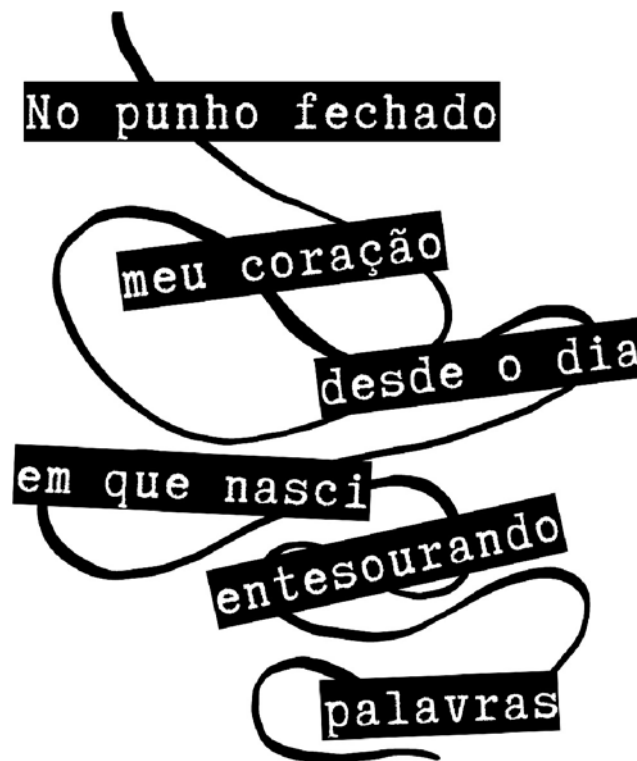
Nem todas as filhas se ajeitaram
em seus destinos.
Herdei olhos vivos, suas medalhas,
capote, boina e veste de combatente
para usar quando ganhasse corpo.

Esperei o tempo de uma vida.
Em unidade de medidas,
um corte no tempo.

Nas minhas pisaduras,
o amor mais que a guerra
me feriu de morte em travessia.

Eu entregaria meu fôlego
em troca de respostas da morte
sobre o mundo dos vivos.

Não é tão terrível, nem tão bonito:
o coração batendo agarrado à vida.



ex-combatente

No silêncio do quarto
as vozes que não quero ouvir
atravessam as paredes
dos meus ouvidos.

Essas paredes cálidas
aprenderam com a guerra
a esconder meu coração vivo
num labiríntico pássaro
embalsamado: meu peito.

crônica de origem

Palavras são mares
na boca de pescador
em barcos tão frágeis
com tripulação taciturna...

A alma na lâmina d'água
espelha olhares macios
fitos no etéreo horizonte
à espera de uma faixa de terra.

Na terra cravejada de pedras,
corações marejados de saudade
descem da embarcação à origem.

Dentro das conchas,
memórias do primeiro amor
ardendo debaixo dos vestidos...

Versos de mar: achados... perdidos...
atados à rede de um pescador.
Capítulos inteiros deixados em cada verso
de amor naufragado.

As palavras do passado
têm pressa de sentidos em revoada,
enquanto marujo a inquietante madrugada
e vejo os amores se repetindo...

incenso

Do escuro para o nada,
um cheiro de época se desprende
da roupa do soldado ferido
que repousa sobre o colo de uma enfermeira
da Cruz Vermelha.

Seu último fôlego
reabilita palavras
como a melodia que sobe aos céus
e se separa da canção.

Sou esse soldado
quando teu olhar
passa de raspão me despindo...

conselhos

Senta com quem te faz poesia e faz brotar
o amanhã
dentro de uma xícara de café, ou de uma
taça de vinho.

Ouve quem tem pernas cansadas
e vitalidade para viver mais duas ou três
vidas ainda nesta.

Partilha teu pão com os insanos
porque eles carregam bálsamos para
tempos difíceis.

Aprende a trocar um verso do teu poema
em desapego
e multiplicarás os teus dias em tempos de
guerra.

Caminha com quem te faz visitar tua
coragem.

missivas

CNN International @cnni

Uma chuva exasperada
surrou armas combatentes.
Mal partiu, comiserada,
da lama, uma ordem sistente!

noivadedmytro @anastasia.dmytro
Em resposta a @dmytro.martynenko

Triunfantes combatentes,
pela pátria, sem temor!
Ariete de mil gentes,
do Sol Negro fiador.

oraculodedelfos @trago.verdades
Em resposta a @dmytro.martynenko

Nuvens de chumbo a tragar...
novo mundo em escalpelos.
Da alma jovem não verá,
a prata sobre os cabelos...

rebelião

I
No coração da tuxá,
tempo e vento em disputa.
Uma rebelião a prepara
para as delícias do amor,
nos dissabores da luta.

“A dor emoldura este agosto” –
presente a velha mãe
sem ter visto o desgosto,
rolando ladeira abaixo
pelas maçãs daquele rosto.

Como adentrar o peito
em uma missão de paz,
se a guerra
soterra tudo por dentro,
desmoronando os umbrais?

II
Mil vulcões represados
pulsam-lhe as carnes.
Em monções, pelos aldeados...

Ela saliva até trocar de pele,
dançando na direção dos canhões
até que se revele.

Suas paredes ejaculam
um vermelho vivo:
rito de passar, um respiro...

Ela quebra as regras.

pintura

Teus olhos perscrutam
a criação
quando miras
nas tintas, pincéis...

Meu corpo é tela
em branco.
Aos poucos,
sinto a tua respiração
de leve sobre o tecido...

Tuas mãos tecelãs
me afagam e
dão forma à minha matéria.

Sou mulher
de outro mundo,
apenas uma alma
que deseja ser corpo.

Dissolvido nas tintas o desejo,
recebo a tua respiração cansada,
retilínea, uniforme...

Seguro tuas gotas
de tintas nas mãos:
cortina fluida
recobre o gozo,

enquanto um colorido
se mistura empoleirado
nas nuvens.

beco da lama

Na lama tem um beco
e o beco não engana:
aponta a saída no seco
para minh'alma cigana.
Eu bebo o beco.
Eu bebo à lama.

Chafurdo no charco
sobre o ódio rabisseco.
Cachaço-me em cana!
O adocicado da vida
Minh'alma seduz e inflama.
Eu bebo o beco.
Eu bebo à lama.

Não estranho o beco
no breu da noite azul.
Sou alagado do mangue,
ando descalço e nu
entre homem-caranguejo,
entre homem-gabiru.
Podem até aterrar,
mas a mim não engana.
Eu bebo o beco.
Eu bebo à lama.

Dentro de mim um viveiro
dos que se multiplicam na rua,

rente à calçada do beco
meio-fio, lama crua,
memória viva do mangue,
escorrendo pela rua.
Tudo isso o beco proclama.
Eu bebo o beco.
Eu bebo à lama.

noturno

Sobre a máquina do mundo,
operários virtuais e sua matilha
forjam armas silenciosas para guerras
tranquilas.

A humanidade fáustica, a mil por hora
com um cigarro na boca, indo embora,
caminha em crise de ansiedade.

Uma estrela riscou o céu e o feriu de morte
até o luminoso sumir.

“Não sou filho da sorte!” – ouvi.

É a voz do meu Sun Tzu antigo
na cabeceira improvisada da velha cama
de campanha
que cheira a mofo e emboscada.

Em meu corpo veloz, camuflado e à espera,
as feras me farejam presa, a necessidade
me torna fera.

Lembro da tua respiração indo comigo até
a morte,
logo depois acordando para o mundo
com o barulho dos cicerones nas calçadas.
Afora o teu sorriso, nada afaga a minh'alma.

Se sobreviver ao inferno,
que parte de minh'alma ficará inteira?
Anelo teu perenal sorriso, como a costa
brasileira...

garganta do tempo

Pai Nosso que estais no céu...
enquanto rastejo na terra,
sentindo as dores do mundo
na haste da minha costela,
presente da Tua Criação.

Solta na selva,
em trabalho de parto,
executo meu solo
perto do front.

Minhas contrações expostas
nas galerias de todas as civilizações
Uma, dez, miríades...
e a cabeça do meu filho coroando,
enquanto uma coleção de cabeças,
adorna o alto das estacas.

Não estou sonhando...

Perco a voz e sinto
todas as palavras tentando passar
pela minha vagina que é a garganta do tempo.

O choro do meu filho
é recebido como música blasfema.

O sol se pôs na minha natureza.
Nada de novo no front...

lembrete

Há tempo para tudo
debaixo do sol, Madalena.

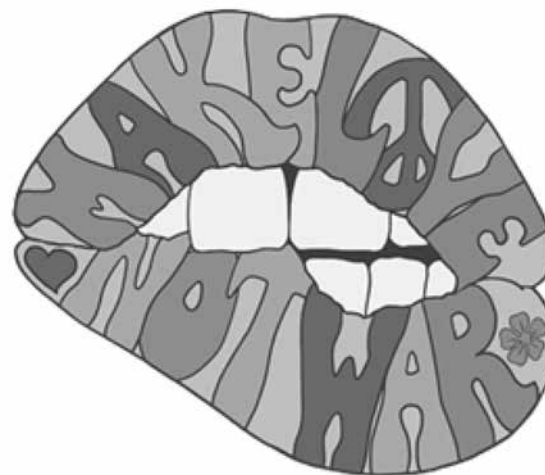
Há tempo de segar palavras
e usar seu nome na clandestinidade.

Há também o outro tempo,
o de colher migalhas
caídas das grandes mesas
e guardá-las na aba do vestido para duas,
– quem sabe? –
três refeições...

Eles não sabem que a fome
é um candiru em nossas uretras, Madalena.

Lembre-se: o amor é uma fenda
entre ele mesmo e a guerra

Make Love Not War (2016), by Mauro Mondin.



na rua, um soldado

Veterano na farda,
verde na guerra
a que fora convocado.
Na rua, um soldado.

Por Cronos avariado
na guerra que é carbureto
para olhos amedrontados.

Um ano de guerra
cicatriz para a vida toda.
Na rua, um soldado
pesava menos que o fuzil
que carregava desajeitado.

Sweet home, baby!

Honrado.
Feitos heroicos descritos,
lembranças nacionalistas
triunfo que ficará no passado.

Na insígnia, não está seu nome
apenas a patente de soldado:
morto-condecorado.

mensagem

A tabuinha não talhada.
O papiro fracassado.
Um pombo-correio no céu alvejado...

A carta que não chegou.
O código morse que não foi passado.
O silêncio abissal aqui do lado...

O telegrama que não existiu.
O e-mail sequer planejado.
Um telefonema, nem assim desavisado...

A videochamada perdida.
O torpedo que nem foi rascunhado.
Uma turba de coração traspassado...

A guerra recruta o luto,
o silêncio, a afasia.
Nos gemidos civis, há de rugir a poesia.

fahrenheit

Um calor obtuso
vandaliza meu corpo
em formas geométricas.
Circunscribe o desejo,
brasão tatuado na minha pele,
quando neva lá fora
um grau negativo.

Enquanto os homens
digladiam seus próprios
corações polares,
enfeitiçados pelo poder,
degelo no teu corpo.

Em teu corpo,
é sempre verão
com muitas águas termais...

afresco

De todas as tintas que pintam o mundo,
a aquarela é água de risco.

Superfície à espera...
Tintas preenchendo espaços...

A tela ergue
suas ancas às pinceladas.

A luxúria retinta os homens,
enfermos de desejo,
tragados pelos decotes
das mulheres de amor livre
em bares improvisados
nas tavernas clandestinas.

Eles se joram
aquarelados nas ruas,
descendo em gozo ladeira abaixo...

manhãs

Minhas manhãs eram a Ucrânia
acordando com toque
de recolher e tropas russas.

Explosões e ocupações
são meu estado de emergência.

De repente, tuas mãos
em escalonamento
sobre a minha pele
– contraofensiva
às minhas manhãs.

Me encaixo em teus lábios,
minha última casa
antes de depor as armas,
perder as forças
e partir numa dolorosa explosão...

em carne viva

A poesia entra pelo assoalho
trazendo uivos de morte
até desengasgar meus versos placentários
dentro do ninho vazio.

Carrego o silêncio das montanhas
com névoa e sombra
na vastidão do meu deserto.

Solfejo o pranto
na língua das hordas celestes.

Pós-guerra.
Pós-mundo.
Pós-eu,
universo em carne viva.

A quem vou agasalhar,
agora que meu filho
condecorado partiu?

tradição

A menina servia
o jantar para a mãe;
a mãe servia
para cuidar do pai;
o pai servia
ao Estado na guerra
à sombra dos mísseis
sobre as suas cabeças.

azul

Direto das páginas de jornais
era teu nome que estampava
as inseguranças da humanidade.

Meu coração pulverizado
tateou pelos escombros
como quem vaga pelos corredores
de num hospital de campanha.

Eu quis rezar pelas almas
e me dei conta de que
a tua partida, em minha infinita solidão,
era meu acerto de contas
com a existência
diante do céu azul celeste
que me anoiteceu.

sinal dos tempos

92 anos e cinco gerações na fatia desse bolo.
Tua inocência tateia a casa que estranhas,
amenizando este tempo de gestos avulsos
e homens líquidos.

Há uma Pietá em cada esquina
e sinfonias carpideiras, vovó.
– Hosana, a gasolina nas alturas!
E o pão que não se pode
partir em todas as mesas.

Compartilho meu amor contigo
numa trincheira
e gostaria de ter a metade
da tua coragem.

Herdei de ti as xananas
que, tão belas, resistem
até nas calçadas.

Seguro as tuas mãos.
Sozinhas, fazem cambalear o ódio.
Enrugadas pelo sol, aflagam o amanhã.

Trôpegas de humanidade,
as manchetes contam
a história de um mundo paralelo
que não ousa te dizer.

Tanques se movem como vírus
sobre ideologias e civis.
A compaixão é um print
com projeção de cinema no Twitter.

Teus olhos senis em gentis olheiras
domam tua consciência...
Adormece a paz
peregrina em teus sorrisos.

Pedes café com o bolo
que aprendi a fazer contigo,
enquanto vejo o mundo,
essa enorme boca faminta,
batendo de porta em porta...

Não mais percebes a fome de muitos,
nem os atrasos nas falas
das crianças pandêmicas,
mudas, telepáticas...

Sinal dos tempos.
Mas teu colo é meu templo,
completo refúgio,
quando sou uma rua deserta
no carnaval de Olinda.

travessia

Minhas esperanças são aquele barco
construído com madeira de demolição.
Mais adiante avisto o encapelado mar...

Por que me distancio do cais,
sabendo que as águas revoltas
em alto-mar são a única certeza?

Agora, longe da terra firme,
o silêncio divide sua majestade
com os ventos do norte.

Já as ondas que me concebem,
são meus gemidos internos
que transformo em poemas.

Parece que o passado
decidiu reaparecer quando recolhi
a âncora enferrujada de volta ao barco.

Se eu quiser que faça sentido,
preciso aceitar que a âncora
é parte do meu barco,
construído com madeira de demolição.

Esse é o pacto obrigatório
para me tornar travessia...

lembração

Os sulcos... os vincos...
a fissura dos desejos
nos músculos tensionados
da rocha metamórfica.

A umidade relativa do ar
fustigando o teu cinzel,
enquanto riscas
a natureza do mármore.

A fumaça do teu cigarro
enevoando a minha criação.
Por um tempo, pensei:
“Ele sabe o que está fazendo.
Ele é Deus.”

O temor me acompanha
e sinto as baforadas
aos poucos se dissipando.

O medo, as cutiladas.
Todos os cortes
moldando minha natureza
na frieza do mármore.

Agora, debaixo da laje fria,
estou longe das tuas fortes mãos
capazes de riscar diamantes.

trégua

Nas ranhuras da necrópole
sobre o betão antigo,
me tiras para dançar
à sombra das cinzas das horas...

Eu, tu e o poema
onde quero errar agora
saltitamos aos tropeços
para aterrissar nossos corpos
dentro da noite.

Teu olhar
esquadrinha o selvagem instante
na solidão dos que dormem adiante.

Sem trégua,
tomado de assalto, ofegante,
meu corpo na tua saliva
é deserto escaldante.

ruínas

Exercício inevitável
para autoconhecimento:
andar sobre as ruínas.

A caminhada pela grama verde
sobre as rugas da civilização...
herdo-as em sua inexorabilidade.

As rochas antigas
parecem me afastar do passado.

De repente,
a verdade das rochas
penetra-me a ancestralidade
e me vejo terreno de escavação.

peculiar

Era um janeiro
quando nos deixaste.
A chuva, o tempo,
se curvaram em silêncio.

Olho para meu irmão,
vejo a tua mania peculiar
de balançar os pés ao sair do banho.

Olho para as minhas irmãs,
vejo a tua luta
na gênese de todas as manhãs acordadas.

Olho para meu filho,
vejo-te brincante sonhador
no mundo dos adultos.

Enquanto cada um de nós existir,
de janeiro a janeiro,
permanecerás conosco
e farei de ti o meu verso mais bonito.

manual de sobrevivência

Olhar as nuvens até achar
teu rosto desenhado nelas
como a primeira vez em que descobri
as borboletas saindo de um casulo.

Ouvir o barulho das águas
lembrando da primeira vez em que me banhei
desnuda no mar à noite, sentindo a água
vagabundear em todas as partes do meu corpo.

Tocar a relva até sentir
o amor gotejar como chuva
assim como vi, pela primeira vez,
os animais desprovidos de consciência,
destilando o prazer no orvalho.

Cheirar o café do pilão
nas primeiras horas da alvorada,
semelhante ao teu sexo
que, sendo o primeiro, trouxe em primazia
o mesmo ar da florada dos ipês
enfeitando os rosas da terra...

Morder o fruto do esquecimento,
adormecendo os salteadores nas estradas
por onde passei e senti
tudo pela primeira vez,
pois estou regressando ao paraíso.

dentro

A cortina de fumaça
não me deixa ver
o quarteirão do mundo.

Prossigo tateando a superfície das
palavras
até chegar a um porto seguro.
As pernas doem,
mas não vou me perder nesta guerra
porque não enxergo o amanhã.

Levanto a cabeça
ergo as palavras na direção do sol
uma saudade de casa ofusca o cheiro
de pólvora
e me arranca um sorriso.

O amor chama, convoca em sinfonias
mas os homens preferem abrir os cofres
dos seus desejos
mais bélicos e indevassáveis.

Emboscado o meu canto
saio como filha do vento que sou.

Do alto,
vejo a sombra do meu pranto no colo
dos homens

como um preso político que, antes de partir,
olha as marcas de unhas desenhadas nas
paredes da cela.

Fluxo¹

Em nome do mar, do rio
e do espírito oceânico
que eu seja o sal dissolvido no meu canto

O viço que jorra de mim
me põe na terra a cantar
ondeia nas rodas da vida,
girando nas ondas do mar.

Em cantos que saem daqui
em cantos que vêm de lá
Oyá me vê lá do céu
Inaê me conduz nesse mar

Uma mulher começa a ser corpo
Quando a primeira onda quebra em dire-
ção à costa.
No tempo em que se espalha e irradia,
ela escuta as águas cantando sua rota.

O viço que jorra de mim
Me põe na terra a cantar
ondeia nas rodas da vida,
girando nas ondas do mar.

A pele que hoje me veste
navega em minhas paragens.
No corpo, minha casa, acalanto,
repousam as minhas margens.

¹ Fluxo é um poema canção, escrito em parceria com a cantora potiguar Cida Airam, lançado nas plataformas digitais em dezembro de 2021.

à beira do riacho

Teus lábios em vã procura
têm a força de um bando
de cervos sedentos:
espiam, farejam e migram
para a minha boca
que se abre
em morada transitória
e selvagem.

espólio

Coisa para cinema
o exercício de olhar meu coração de carne,
– levado como totem ao Teu altar sagrado –
oferecido em sacrifício no lugar de Isaque,
para saciar a Tua fúria selvagem...

camadas

Debaixo bem debaixo
da pele da maçã do meu rosto
bem depois do fundo do poço
há camadas geológicas de eras transcorridas
em movimento infinito,
adentrando um passado entre os meus
vernizes,
lutando para sobreviver.

Tenho sobre mim todas as camadas
da terra.

dia dos mortos

Tuas mãos tocando a minha nuca
para quebrar todos os gelos...

Teus beijos
me assombrando na madrugada...

Antes de o dia nascer
eu danço
sobre a ossada do teu nome.

destino

O verso sem métrica
também cruza
a linha de chegada.

Tudo está no talhe,
fio de corte
no flanco das palavras.

Alma de poeta
é coisa anavahlada
quando o corpo ciente
bebe inteira a madrugada.

penélope

Sou uma mulher
a céu aberto
contemplando
este imenso agora.

Apenas uma linha
fora do horizonte
da caixa de costura.

ariel

Pari a mesma filha
pela segunda vez:
uma gravidez de 23 anos.

Sereia, anjo
ou sabão em pó?
Forja de Deus
para ensinar que
o amor não é
binário.

Tode filho, um dia, é
reparide, sabia?

Este livro foi composto em Butler Stencil e
impresso em cartão Duo Design 250g/m² (capa),
Chambriil Avena 90g/m² (miolo) para a Editora
Trairy em março de 2023.